

O YTORÓRO.

REVISTA

SCIENTIFICO. POLITICO. LITTERARIO E ARTISTICO.

ANNO I SANTOS QUINTA FEIRA 1 DE SETEMBRO DE 1839 N. 1

INTRODUÇÃO.

Salve, Hippocrène, fonte de lymphas historica e fecunda, salve!

Soldados noveis nas campanhas do jornalismo, surgimos da obscuridade e monotonia da provincia para enojar uma vida de atadigosas lutas e sacrificios heroicos, no exercito dos veteranos da imprensa, acobertando-nos sob a egide do vosso nome tradicional, prestidioso e memorando.

E de que mais ricos thesauros poderiamos exornar o frontispicio d'esta nossa modesta revista ou pequeno jornal? Fonte primitiva da terra dos Voadores, Andradas, Viscondes de S. I. e S. J. e Trans-Gaspar, a imagem do Ytoróro e o seu esplendor passado devem precioso proteger como musa inspiradora e anjo tutelar a todo o esforço de espirito e empenho nos andurriaes das sciencias e das lettras, a que se abalancemos de conselhos de Braz Cubas, e habitantes do seu antigo solo.

Nesta provincia, patria de Vazler Bueno, de Feijó, de Alvares Machado, de Paula e Souza, de Rodrigues de Santos, e de tantos outros vultos grandiosos que, no pantheon da historia, se enchem o prizo frio, mas verdadeiro e imparcial da posteridade, e na actualidade, os illustres varoens, illustres pelos seus talentos e caracteres, onde encontrar a memoria, cheio de poeticas reminiscencias e gloriosas recordações do que o da Castal e de suas trepadeiras aguas se abeberou o Americo Elysio e laurio a sua eloquencia e a gloria Mirabeau brasileiro?

Tão grande talvez como a Ytúnia, verbo que symbolisa na historia patria o nosso libertamento politico, a Ytoróro merece nos fastos da nação brasileira uma menção honrosa, encerra uma allusão patriótica—o Ytoróro servio no baptismo e alimentou com a sagrada e inextinguivel Patriarcha da Independencia e os seus dous dignos irmãos, a guerra e a liberdade da liberdade da nossa terra.

Oxalá pois, ó Ytoróro, a inspiração que vos dirigimos não desminta as esperanças fervorosas que depositamos na efficacia do vosso patrocínio, e possão as dryadas que em torno de vós se agitam, fazeis-nos sempre o entusiasmo das lettras e a imaginação, conservar que em vossa coração o amor do bello e do verdadeiro!

Não são só as melodias e rhythmos da poesia e da litteratura que entreterão os ocios dos leitores d'esta revista, decoradas e pobres de novidades, como pobres de ideias e descoradas por falta de luctos, são os que as enchem— a sciencia e a politica visitarão por vezes, ainda que em rapidos vãos, os dominios do Ytoróro, e virão emprestar-lhe a apparencia grave do sabio, que em preleções publicas patenteia aos olhos da multidão o allargamento da sua erudição, e o tom imponente da polemica, que discute os problemas sociais da governança e da administração.

O programma, pois, que se propoz esta revista, e sobremaneira vasto na modestia das suas vistas, e por certo, superior ás forças dos seus escriptores— mas que importa? Pretensões de tal natureza, maternas «ex-professo», estão muito longe



N.º Ident.

30

Biblioteca Pública Municipal de São Paulo

SEÇÃO DE MICROFILME

JORNAIS

Titulo do Jornal **O Itoróró.**

Dia

Mês

Ano

Páginas

1859

96 pgs.

Microfilme feito em:

19-7-948

N.º C.

32

N.º M.

99

CHARADAS

- Emblema de ... 1
 Compara ... 1
 Achava-se no ...
 Hoje em qualque ...
 Dever do ...
 Já pratiquei ...
 E d'este modo ...
 Alguem chama ...
 A quem me ...
 Utilizei ...
 Da diva Themis ...
 E cujo pai também ...
 Affecta de ...
 Sem energia ...
 Não tem paixão ...
 Extrahe-se de ...
 Bem provisorio ...
 Semsabore ...
 D'um ...
 Num alho ...
 Num alho ...
 Num alho ...
 Ultrajou a ...
 A Solon ...
 Todo o ...
 Só de ...

POESIA

T E T E

- Lectures a deux chants, de bonheur, de
 (tristesse)
 L'un sort du matin et chante avec l'aube
 (tote)
 L'autre gemit le soir un triste et long adieu.
 Au premier, au second, le ciel répond
 (Adore)
 Et de l'hymne éternel le mot unique est
 LAMARTINE: (Dieu)
 Como e bello passar da tarde as horas
 Do «Tête» nas margens pittorescas,
 Vendo a relva agitar-se ao som do vento,
 Ouvindo o murmurar das agoas frescas!
 Junto á «Ponte» no «Sitio» delicioso,
 Ao sul de Itu, do rio á fresca beira,
 Ver o sol dardejar seus frouxos raios
 Na branca espuma, que sorri ligeira!
 Como e bello na proxima campina
 Ver o gado pastar tão mansamente,
 E das aves o canto harmonioso
 Saudarem no seu hymno o Omnipotente!
 Apoiamento do cynico, ou do bardo,
 Do justo, ou do perverso, se extasia:
 Aqui se escuta o magico susurro
 Da palavra de Deus, que os seres guia!
 Das cidades a turba corrompida
 Não costre aqui seu halito sanguento,
 Aqui se purifica o ser humano,
 Aqui se vota a Deus o pensamento!
 Venha embora a turba festejante
 Do prazer desfructar a saciedade,
 Ao ver quanto isto e bello, os cantos fogem
 Reconhecendo do Eterno a immensidade!
 Melancolico o sol já se despede
 Adensando dizendo a toda a redondeza:
 Murmura o rio, o vento além susurra,
 O homem pensa, medita a natureza.
 Murmura o fresco rio, os hymnos teus,
 Que a natureza te applaude com vontade:
 E aos teus hymnos de amor, que um Deus
 (revelão)
 Recebe o canto meu, que diz — saudade.
 Margens do Tête, junto ao Sitio da Pon-
 te — Itu, 21 de Março de 1860.

Silva Azavedo.

typ. de Marques & Irmao

II
PENSAMENTOS DIVERSOS
DE MONTESQUIEU.

Ha duas espécies de honra: a que pertence ao que divertem

A maior parte dos homens são felizes com os prazeres de grandes da que de
boas acções.

O mérito é mais raro que a honra.

Reparar sempre que a maioria das coisas que nos dão prazer são
desarrazoadas.

A expectativa é aquilo que perturba todos os nossos prazeres.

Que quatro grandes nomes são Platóo, Malebranche, Shaftesbury e
Montaigne!

As obras que não se esquecem são aquellas que se não a memoria ou a pa-
ciencia do autor.

As observações são a verdade, os systemas a fabula.

Todo o homem deve ser livre, mas tambem deve ser livre

Um adulator é um escravo, que não presta para senhor algum.

Ha tres tribunaes que se não podem escapar de accordo: o das leis, o
da honra e o da religião.

E preciso ter esto bem claro, e saber pouco.

Não gosto dos diademas, e das obras de ostentação.

O pudor assenta bem a todos os homens, convem saber vencê-lo, e nunca
perdê-lo.

Sempre vi que, para ser bem no mundo, é necessario parecer
lauro, e ter juizo.

Sua casa. "Cheerá natal!" Andam um alto. Preparando-me para uma nova partida, pois acola esta ao Chili, acola tambem o Peró, as Marquezas, as irmas, religioes do Tati, Pomare e Brasil, onde tornarei a encontrar um Imperador, venerei o do banido Rojas, um consul homem de bem, mais fagueiro, e João Baptista dos Santos, a quem parece-me ouvir ainda de esta outra banda do Atlantico.

VARIÉDADES.

Orgem de alguns homens celebres.

Eurquides de um vendedor de frutas.
Demócrito de um fidalgo de um terreno.
Virgílio de um pastor.
Horácio de um fidalgo.
Terêncio de um escravo.
Annyas de uma criada.
Lamotha de uma filha de um fidalgo.
Flécher de um soldado.
Sexto Alexandre de um escravo.
Tamerlán de um soldado.
Romão de um escravo.
Quinas de um filho de um pedreiro.
Rollin de um escravo.
Moliere de uma criada.
Massillon de um frade.
J. J. Rousseau de um relojoeiro.
J. B. Rousseau de um condão.
Galland de um condão.
Beaumont de um relojoeiro.
Ben-John de um pedreiro.
Shakspeare de um soldado.
Rembrandt de um mestre.
J. Anthon de um filho de um pintor.
Kant de um escravo.
Ferreira de um escravo.
Fernando de um barqueiro.



quecido, lêrão ver o papel em papel etna, os quaes abster-me-hei de citar.

Trouxerão-me uma nota de ouro, arranquei d'ella uma folha, e colloquei o rico mimo sobre a cabeça de João Caetano dos Santos. Este João Caetano é o actor mais completo que eu tenho ouvido, é uma voz sympathica como as mais sympathicas, e a dor com todas as suas lagrimas, é a colera com todos os seus abrasamentos. João Caetano não teve outro mestre senão a si proprio, o seu coração, a sua alma. Tão tragico como Talma, tão dramatico como Frederico Lemaitre, não ha ninguem que exprima a ternura melhor do que elle; e quando elle vos communica as suas esperanças e angustias, julgais que falla a vossa lingua, comprehendes-lo. João Caetano dos Santos é, repito-o, o mais admiravel actor das duas Americas, e encontrei n'elle Frederico Lemaitre e Talma de gloriosa memoria.

Durante a representação, o Imperador mandou-me subir ao seu camarote onde recebi provas da sua munificencia; a Imperatriz, de quem não se falla no Brasil senão com veneração, dignou-se endereçar-me algumas palavras generosas; e, por volta de meia noite, escoltado por umas trinta canoas, com a musica na frente, voltei para bordo da *Bayonnaise*, que ia levantar a ancora.

João Caetano e a sua companhia me saudarão com vivas os mais estrepitosos, apertámo-nos fraternalmente as mãos e dissemo-nos adeus.

Até á vista, meu amigo João Caetano.

Fallei-vos atrás, e nas paginas de alguns livros, da luxuriante vegetação do Brasil, quasi semelhante a das illhas as mais ricas da Sonda e das Molucas... Devo repetil-o? Não por certo; mas aqui a natureza me parece ainda mais variada na sua forma e gradações. A verdura tem menos monotonia, porque as horas que passam sobre ella não a abrasão com tanto vigor, como no Timor, em Bornéo ou em Malacca, e não seria talvez uma ficção escrever que a folha que vós vede com um sorriso.

Ha já bastantes annos que eu vi o Rio de Janeiro pela primeira vez: a cidade se engrandeceu, fez-se menos triste e mais faceira, insinuou-se a través dos mais magnificos colossos das florestas, e entre os mais humildes arbustos... O Rio de Janeiro é uma cidade que se espairose no campo.

Vede como a Praia-Grande galhardêa no seu esplendor, a despeito das arêas da praia! Vede como S. Domingos se entronisa sobre ella, e a esmaga com a sua magnificencia! Vede como Botafogo, vaidoso *parvenu*, se revê com tanto encanto nos lençoes d'agua os mais limpidos do mundo!...

Tudo isto era assaz novo em 1818... Pois bem! tudo é ainda novo, mas d'essa mocidade insolente que comprehende a sua força e não procura disfarçá-la debaixo de uma fingida hypocrisia.

Eu saúdo estes esplendores com a mão e com o pensamento; depois, abrigado nas minhas recordações de gratidão, transpenho a barra e balouço-me no alto mar.

futuro. Elle se apresenta candidato á Assembléa Provincial na proxima eleição. Saudamos com jubilo a volta do nosso distincto patricio ao paiz. Este nobre comendador! disse eu comigo. E afirmei o jornal sobre a mesa junto da qual me achava sentado.

F. H. H.

Santos, Abril de 1860.

A. P. S.

RIO DE JANEIRO.

II

(Conclusão.)

Este capitulo do livro comprehendendo-se ha o motivo: não é cousa facil fallar de mim. Eu vos disse que o Imperador recebeu-me em S. Christovão com a mesma familiaridade tocante a elle fallou-me de meu paiz que conhecia como se se tivesse despendido, estudando-o, a sua vida, e disse-me os nomes das litteraturas constituições como homem que havia meditado seriamente os seus negócios.

Deo-vos-nos e o Brasil com um Observatorio digno de uma cidade imperial, e ali eu me sahu de seus labios. Depois, por uma transição que se me apparece desde logo, D. Pedro me perguntou se eu não iria ao theatro, onde se representava uma peça minha, perfeita e de primeira ordem em portuguez.

O edital da noite era *Gargalhada*, pelo Sr. Jacques Arago, e lia-se escripto em grandes letras: *O espectáculo terá lugar, faça o tempo que fizer. E o Paiz e o Paiz o paiz.*

Fui ao theatro, onde um camarote ricamente ornado fôra preparado para mim. Eu estava a minha sala; e logo, em frente da porta, não tardou a se reunir uma multidão compacta que os archeiros da côrte podião a custo conter.

— O Imperador disse-me o director da sala, pois ahi está a sua guarda, e estava ainda duvido, o favor é tamanho que não ousei contar com elle.

Entre o theatro, o camarote de D. Pedro se abriu, a orchestra tocou o hymno nacional e os mais energicos applausos resoárão de todos os lados.

Disséram-me que se fizessemos me andavão; levantei-me, agradei com voz compunctiva a D. Pedro, e com um lamento vivo ter esque-

Durante todo este tempo, por um lamentavel esquecimento, de que até hoje ainda curto sinceros remorsos, eu havia deixado de ver a pobre mulher. Uma tarde, não sei porque, a sua lembrança me veio ao espirito, e dirigi meus passos para a rua da Fôrça.

Approximando-me do velho casebre onde ouvira a historia tão simples quão triste, que acabo de contar, vio-o fechado e como que abandonado.

Passava n'esse momento uma mulher carregando um pote d'agua sobre a cabeça. Cheguei-me a ella e lhe disse, apontando para o pardieiro:

—Que é feito de uma moça louca que morava n'aquelle casebre?

—A louca? me respondeu a mulher: coitada! morreu... vai para tres annos.

—E sua mãe?

—Tambem morreu.

—Morreu?!... De que?

—De desgostos e de miseria: ha 8 mezes, mais ou menos.

—Ah!

A mulher continuou seu caminho. Eu, sentindo o coração comprimido á noticia do fim tão desgraçado da pobre mulher e sua filha, retirei-me logo para a casa.

Passado algum tempo, lendo casualmente certo dia a *gazetilha* de um *Jornal do Commercio*, chegado de fresco da Corte, deparei com as duas seguintes novidades:

Morte inexplicavel.—Hontem, a bordo da fragata a vapor nacional ***, surta n'este porto, deu-se um facto extraordinario. Erão 10 horas da noite e tudo jazia em silencio a bordo. De repente, o official de quarto ouviu o baque de um corpo pesado na agua. Parecia o ruido de uma pessoa que se tivesse atirado do navio ao mar. Não podendo averiguar o facto n'aquelle momento, no dia seguinte, o dito official, communicou-o, como é de estylo, ao commandante da fragata. Tratou-se de indagar o que poderia ser, e, sabidas as contas, sentio-se a falta de um homem a bordo. Era o imperial marinheiro Antonio Leal Bueno, que duas ou tres vezes já havia tentado desertar do serviço da marinha, pelo que fôra severamente punido. Dous dias depois d'este acontecimento, o mar arrojou á praia, no lugar denominado ***, um cadaver de afogado, que se conheceu ser, pelas roupas, que trazia despedaçadas, e feições, a despeito de medonhamente dèstfiguradas, o do imperial marinheiro que desaparecera de bordo da fragata a vapor ***, na noite de 13 do corrente.

«Seria esta morte o resultado de uma nova tentativa de defeecção, mallograda por algum fatal accidente, ou pura e simplesmente um suicidio? Não se sabe.»

Mais abaixo:

«*Chegada*—Veio no ultimo paquete de Southampton o Sr. Dr. Julio Teixeira de Magalhães, secretario da legação brasileira em Vienna d'Austria. Este moço, que se acha temporariamente retirado da carreira diplomatica, onde tanto se tem distinguido durante os poucos annos que n'ella serve, é um nobre character e um dos nossos jovens talentos de mais esperançoso

posto a seu lado sobre o estrado, e tirou de dentro uma carta fechada, que me entregou.

Desdobrei a carta e li:

«Minha querida mãe,

Rio de Janeiro, 24 de Dezembro de 1851.

«Ha cinco mezes que faço parte da armada brasileira. Tendo aqui chegado oito dias depois da minha partida d'essa cidade, puz-me em continente á procura do estudante. Após um mez de infructíferas diligencias, uma noite, enfim, passeando na rua do Ouvidor, achei-me em face d'aquelle que fez a desgraça da nossa familia. Estupefacto á minha vista, o miseravel pretendeu esquivar-se ao meu encontro. Obstrui-lhe, porém, a passagem, postando-me diante d'elle. O infame, receiando talvez alguma violencia da minha parte, gritou por soccorro, e, aproveitando-se de um momento de descuido meu, partiu a correr e desapareceu ás minhas vistas. Oito dias se passarão depois d'este acontecimento, e uma tarde em que eu transitava tranquillô e desassombrado por uma das ruas mais publicas d'esta cidade, fui de chofre assaltado por um escolta da policia e conduzido á casa de detenção, a pretexto de ser um homem perigoso e de costumes suspeitos. No dia seguinte, embarcavão-me a bordo da fragata a vapor nacional * * *, onde hoje sirvo de imperial marinheiro.

«Tal é, minha estimada mãe, a minha posição actual.

«Entretanto, Deus é grande, e soará, tarde ou cedo, a hora da vingança, de que ainda não desespero, e cujo projecto alimento cada vez com mais fervor. Não se esqueça a minha mãe de seu filho nas suas orações de todas as noites e dê-lhe sobre elle a sua santa benção.

«Antonio Leal Bueno.»

Fechei outra vez a carta e restitui-a á pobre mulher. Depois lhe disse:

— Nunca mais teve noticias d'elle?

— Nunca mais! respondeu ella suspirando tristemente. E calou-se.

Levantei-me. Olhei para a louca. Jazia immovel a um canto e na mesma attitudo que assumira havia quiza tres horas. Despedi-me da minha hospeda e sahi.

Em caminho, ouvi mais de uma vez o canto agudo e perdido de alguns gallos, trocando entre si as suas saudações nocturnas. Quando cheguei á minha casa, olhei para o meu relógio. Era mais de meia noite.

No dia seguinte, levando-me quotizalo com diversos amigos, pude ajuntar uma somma soffivel, que enviei por meu moleque á pobre mulher.

Este me disse, na volta, que ella a recebera chorando de prazer.

Epilogo.

Decorrerão entre os quatro annos. Achava-me eu então no meu quinto anno, anno esse o meu atarefado, hoje, das Faculdades de Direito brasileiras, mas sempre o melhor para o estudante, que já se considera n'elle meio-doutor.

golpe tremendo, pôz-o em violenta agitação o physico, opprimindo-o sob o peso dos seus agudos soffrimentos; era uma alma, delicadamente conformada, sensível, impressionável, communicando ou antes transbordando o seu profundo martyrio sobre um corpo mimoso, franzino, debil vaso para supportar tão forte dose de soffrimento; era uma luta, essa, decisiva entre a natureza, sempre vigorosa, sempre cheia de alentos, e tendendo sempre a conservar a vida em toda a sua força e vigor, e a dôr, esse cilício moral imposto pelo infortunio ás creaturas, acabrunhadora, pungente, devoradora, consumindo pouco e pouco, intima e physicamente, um pobre anjo.

«Não faltarão cuidados á minha filha. Um medico habil, uma enfermeira assidua e desvelada, qual era eu, remedios dados a tempo, tudo foi inutil. Theresa escapou, e verdade, após longas semanas de uma enfermidade cerebral de caracter assustador, a uma morte que parecia infallivel, e pôde recuperar um resto de forças... Mas fôra melhor ter-se finado de uma vez... Quando ella se levantou da cama, havia perdido a razão para toda a vida, e começou entao essa existencia vegetativa em que o senhor a vê. Hoje até a propria lembrança da sua desgraça esvaeceu-se-lhe... Cada dia definha a olhos vistos... Ha occasiões, em que atravessa uma infinidade de dias, entregue á estúpida apathia em que o senhor a observa n'este momento... Ha outras, porém, em que a loucura se lhe torna furiosa... e então é que os meus e os seus padecimentos se tornão atrozes.»

Assim fallando, a pobre mulher vertia copiosas lagrimas, e a mais lugubre consternação se debuxava na sua physionomia.

—Mas seu filho, perdoei-lhe ainda, após uma calada de alguns instantes, que fim levou?

—«Meu filho, voltou de Santos dous dias depois de sua partida. O seductor não tomara esse caminho, dirigindo-se para o Rio de Janeiro.

—«Foi sem duvida por terra, disse-me Antonio. Mas não me escapará.

—«O que vais fazer no seu encalço? lhe perguntei. O que ha mais a esperar d'elle? Fica antes commosco; tu vêes o estado de tua irmã; precisamos de ti hoje mais do que nunca.

—«Não, minha mãe, hei de me vingar do malvado... do infame!... Depois, voltarei para a sua companhia... Mas deixe-me primeiro fruir esse prazer, já que nos não foi licito obter reparação á nossa deshonra.

«Debalde ainda insisti com meu filho para que desistisse de semelhante perseguição contra o miseravel seductor de Theresa. Partio para o Rio de Janeiro pela estrada que ao norte da cidade de S. Paulo conduz d'esta provincia á capital do Imperio.

«Passarão-se alguns mezes. Toda preoccupada com a doença de minha filha, não me sobrou tempo para trabalhar: faltou-me dinheiro. A minha pobreza não tardou a se converter n'uma verdadeira miseria. Logo foi-me até impossivel satisfazer o aluguel da nossa casinha. Uma noite, de improviso, obrigáram-me a despedir-me. A' mingoa de outra habitação melhor, que eu não podera pagar, tive de me vir albergar n'este immundo casebre, onde vivo ha 18 mezes.

«Quanto a meu filho, minha mãe, seis mezes depois da sua partida para o norte, recebi d'elle a carta pelo correio.

E dizendo isto, a pobre mulher abriu a caixinha do retrato, que tinha

REMINISCENCIAS DA VIDA ACADEMICA.

UM DRAMA VULGAR.

X. A LEIJA E A LOUCURA.

(Continuação.)

«Que dizias sobre essa carta? perguntei eu á narradora.

«As seguintes palavras, respondeu-me a boa mulher; li-as uma só vez, e ellas me ficaram impressas na memoria para sempre: «Ilm. Sr. Antonio Leal Bueno. O meu casamento com a Sra. D. Theresa é impossivel. Julio Teixeira de Magalhães nunca seria capaz de descer a alliar-se com a irmã de um simples negociante de bestas e a filha de uma obscura e pobre viuva, sob pena de estar louco ou ser um tolo. Parto hoje mesmo para a Córte, onde me encontrei, d'ora em diante, prestes a dar cumprimento ás suas ordens. Assiguo-lhe o Julio Teixeira de Magalhães.

«Came, Sr. senhor, o indigno moço havia praticado uma segunda infamia para com os seus, e esta ainda mais dolorosa, mais ultrajante, porque aggravava as consequências da primeira, porque a tornava irreparavel, porque revelava da parte de seu agent, a par do mais profundo cynismo, a mais sobranceira insinceria.

«Meu filho, deixando contido Theresa á minha sollicitude materna, dispoz-se no mesmo instante a partir no encalço do estudante. Eu, toda absorvida em prestar os mais ternos e necessarios desvelos á minha filha, mal tive tempo de trocar algumas palavras entrecortadas com Antonio, sobre esta viagem, sem poder saber ao certo quaes seus intentos, quaes suas esperanças.

«No dia seguinte, ao despontar da aurora, meu filho, montado sobre um valente e selvagem cavallo, dirigio os seus passos para a cidade de Santos, caminho que elle julgava tomara o seductor.

«Theresa, de um mais miserando estado. Tendo voltado a si do seu subito desfalhecimento, a dôr a mergulhára n'uma prostração sombria, acompanhada de uma estranha immobildade e obstinado silencio. Não chorava; mas seus olhos permanecião cravados constantemente n'um só ponto, em que se fixava o vulto; seus labios, sempre cerrados, estavam lividos; suas faces, out'ora rosadas e frescas, se cobrião da mais extraordinaria pallidez. Logo uma febre abrasadora acommetteu-a com força. Um delirio incoherente, molinho, seguiu-se. N'esses momentos, em que cortava o coração ver-se a malfadada menina debater-se n'um mundo de desconhecidos, viam-se o nome de Carlos, pronunciado com a mais doce expressão de amor, fazer-se ouvir frequentemente na sua boca. Mas d'ahi a pouco a febre do delirio, irrogado á sua honra, atravessava, como um relampago, as e para as nuvens que lhe obscurecião o espirito, e exclamações dilacerantes escapavam-lhe do peito, gestos de desespero pintavão o horror que lhe inspirava semelhante ideia.

«Era um espectáculo sobremaneira constristador esse. Era o moral, terrivelmente affectado, sobre quem a mão da fatalidade descarregára um

Já se vê que a *Ypiranga dos Progressistas* está no seu septimo dia. Tem licença de ficar de incubação uma eternidade inteira.

Mas n'estas associações ha alguma coisa nova que não é o trivial das sociedades.

Querem uma amostra?

O regulamento interno do *Instituto* tem um *capítulo unico*, e consta este de um preambulo e seis artigos. Dispõe um d'estes que o secretario porá todo o cuidado em redigir as actas com o *mais rigoroso laconismo*.

E' alguma originalidade.

O Dr. Ferrão é muito trabalhador. Deita-se cedo e levanta-se com o sol. Vai á Academia, dá suas aulas de linguas, e ouve os professores de Direito Administrativo e Economia Política. Na volta e de caminho, visita e conversa com os amigos, torna ao collegio, inspeciona a economia domestica, coisa com que mais embirra e para a qual sente-se com menos prestimo; recebe os professores, que lhes dão dous dedos de *prosa*, escreve historias para os meninos; estuda medicina, direito e economia politica, e a final janta.

A' proposito.

Accusão-n'ó de quaker, por não comer coisa que padeça morte. Grande Deus! pois não de me chamar de Judeu, por que eu abomino o toucinho?

A' tarde, elle monta a cavallo, bebe dous tragos de ar livre, volta alegre alli pelo anoitecer, toma chimarrão de Coritiba, recebe os amigos, pela maior parte estudantes, e ali está no seu elemento.

Depois que perdeu sua virtuosa esposa, o Dr. Ferrão tornou-se caseiro. Não faz visitas de cerimonia, não frequenta bailes, nem theatros, nem reuniões de apparato.

Reune em sua casa os seus intimos: ali conversa-se; quem toca piano, senta-se ao piano; quem canta, canta; os outros conversão e fumão. Vem o chá, que é o signal de que o Dr. não vai muito longe com a *prosa*.

Elle conversa bem: não tem o espirito scintillante, mas tem-n'ó reflectido. Quem sahe de sua casa, se não leva um bom dicto, leva boas disposições para com os homens, porque, já o dicemos, a indulgencia é o fundo do seu character.

Já é um germen de virtude mais. Sua critica é franca, illustrada e sisuda. Capricha em contribuir com seu obolo para a boa accitação das produções litterarias nacionaes.

Muitos dos seus discipulos sabem de cór cantos inteiros de Gonçalves Dias. Quando aqui apparecerão as *Harmonias Brasileiras*, elle teve o cuidado de distribuir grande numero de exemplares pelos seus meninos. Nunca fica indifferente diante de uma idéa grande, de uma acção meritoria.

O Dr. Ferrão é um homem de honra, excellente pai de familia, professor illustrado e amigo dos seus amigos.

S. Paulo, Março de 1860.



não teve o talento preciso para comprehender que *sum es fui* tem dois dativos.

Liberal até a raiz dos cabellos, o Dr. Ferrão sabe ensinar sem gritos nem ameaças. O seu methodo é tão claro, conduz tão directamente a capacidade do alumno, que este fica persuadido de que já sabia o que acaba de aprender.

E' um grande merito isto.

O amor proprio do menino nunca sente-se rebaixado; ao contrario, elle cria um nobre orgulho de suas forças, vai desde logo aprendendo a confiar em si e contar consigo antes de esperar pelos outros.

E' uma das preciosas qualidades que o Dr. Ferrão trouxe dos Estados-Unidos.

Ainda mais.

Elle faz de menino para tratar com os meninos nas classes; compõe junctamente com elles, tendo a habilidade de escrever pouco melhor do que elles, para que não pensem que não podem competir com seu mestre. Escreve historietas, contos moraes e interessantes, em estylo muito familiar, e depois lê tudo isto em communidade. Os meninos applaudem, riem-se, entristecem-se, segundo a côr dos quadros que o contador lhes põe por diante dos olhos.

No meio dos seus educandos, o Dr. Ferrão é um patriarcha da Biblia. Ninguém falla de cabeça baixa, braços cruzados e olhos pregados no chão. Têm todos um ar de desembaraço que encanta.

E isto no Brasil, n'esta terra classica da brutalidade dos mestres e do servilismo dos discipulos!

Isto já dava direito a uma pensão do Estado.

O Dr. Ferrão tem a difficil pratica da vida, dissemol-o. Não foi dos mais gratos o seu titocínio no mundo.

Conhece os homens e sabe desculpar as faltas que os homens commettem.

E' raro ouvir-lhe uma expressão azeda contra a sociedade. Si não está em melhor posição, a culpa não fal-a recahir sobre ninguem, antes queixa-se de si proprio.

Por isso não é facil de desanimar.

A tosse secca que tanto lhe acabrunha os pulmões, não consegue prostrar-lhe o espirito. Seus esforços para animar os outros tanto como a si proprio, são meritos. Nisto, n'esta lucha continua e fragosa, vai-se-lhe muita força que poderia despende com menos incommodo e mais proveito.

Ouvimos-lhe uma vez uma palavra que elle podia tomar para sua devisa:

«Quando presencio uma acção pequena, ou me esbarro com um caracter mesquinho, olho, mas não vejo e sigo o meu caminho.»

Isto é de quem tem nobres aspirações.

E' nimamente sociavel o Dr. Ferrão.

Fundou a *Ypiranga dos Progressistas*, a mais commoda das sociedades academicas, que tem annos de dormir a somno: olto.

Do seu seio nasceu o *Instituto academico*, que pôde vir a ser uma associação de utilidade real, mas que por ora não passa de um ensaio, posto que bem enaado.